

Povos Indígenas no Brasil

Fonte Veja

Class.: 13

Data 17 de novembro de 1971

Pg.: 68

RELIGIAO

A lei de Deus na selva

Da janela do antigo seminário da Conceição, em Belém, a paisagem que se vê não tem muitas cores, a não ser uma solitária roseira de flores vermelhas. Além dessa monotonia cromática, dentro e fora o silêncio é quase total. Apenas dom Alberto Ramos, arcebispo de Belém, com seu costume de subir e descer as escadas de madeira com incrível rapidez, rompe a quietude — esporádica mas violentamente.

Nesse ambiente de absoluta tranqüilidade, um grupo de bispos, representantes dos Estados do norte, deu os retoques finais num dos maiores e mais ousados planos de evangelização e promoção humana já elaborados pela Igreja no Brasil, desde que os primeiros sacerdotes desembarcaram com os colonizadores portugueses: o Plano Pastoral para a Amazônia. As "linhas de emergência" aprovadas no dia 8, encerrando a primeira fase do encontro promovido pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, mostraram que a Igreja está disposta a uma ação em defesa do amazonense, tão intensa quanto a do governo para realizar a integração da região.

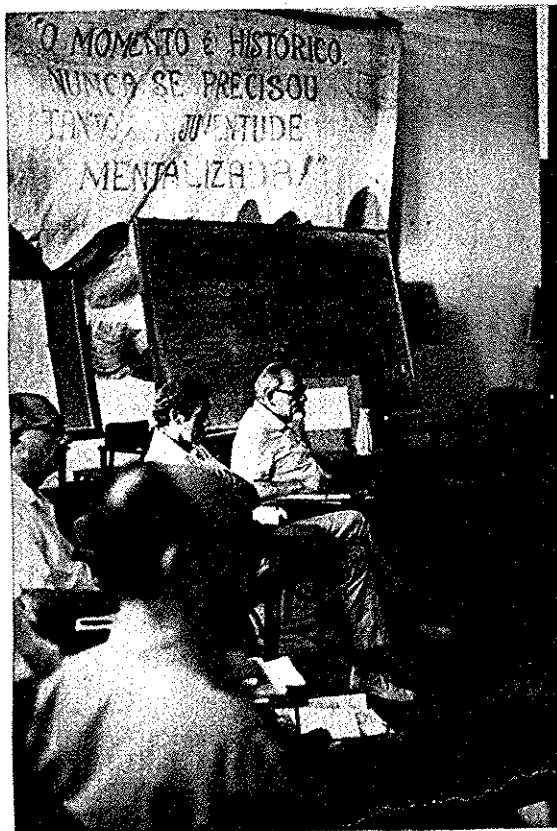
A fé nas estradas — Segundo dom Alberto Ramos, a Igreja pretende executar duas tarefas fundamentais: evangelização e promoção social. "Isso para que não aconteça nas estradas aquilo que já se disse das fábricas: a matéria sai valorizada, mas não o operário. Queremos que a valorização da Amazônia não importe na escravização ou marginalização do amazônida, inclusive dos emigrantes." O Plano pretende "garantir ao homem da Amazônia os direitos sociais compatíveis com o nível de sociedade organizada".

Entre as sugestões apresentadas pelos bispos para se atingir esse objetivo estão a criação de centros de educação agrícola, cooperativas, o estímulo à vida sindical, programas de atualização de cultura agrária e a luta pela participação dos trabalhadores nas riquezas e nos lucros.

Já aprovadas, tôdas essas sugestões serão estudadas com maior profundida-

de num próximo encontro, em maio. Para já, existe o plano de instalação de "escritórios de assessoria" nas paróquias do interior, para orientação dos trabalhadores.

Na quinta-feira da semana passada, já na segunda fase do encontro, os bispos aprovaram a criação do Instituto Pastoral Regional, órgão de pesquisa e assessoramento, cuja principal função será a de formar "agentes pastorais", leigos



Bispos da Amazônia: justiça e catecismo

que atuarão como líderes nas comunidades religiosas.

Denúncias — A disposição dos bispos de defender o direito dos trabalhadores da Amazônia a um padrão de vida humano e de denunciar as injustiças cometidas revelou-se de diversas formas no encontro que durou dez dias. A primeira foi a divulgação de um extenso documento escrito pelo bispo de São Félix, Mato Grosso, dom Pedro Casaldaliga, acusando latifundiários de escravizarem trabalhadores e algumas autoridades de criminoso convívio com os explorado-

res. Dom Pedro, com ampla documentação, conta histórias "cheias de dores" (segundo os bispos) de sua prelazia: doentes que tentam fugir para sobreviver mas são barrados por pistoleiros, trabalhadores que trocam seus vales de 1 000 cruzeiros por 500 cruzeiros em dinheiro, uma aldeia de índios xavantes "em notável abandono" (dom Pedro faz críticas pesadas à Funai). Os bispos solidarizaram-se com o governador Fernando Guilhon, pela desapropriação, em benefício de centenas de colonos, de metade de uma fazenda no interior do Pará. O padre Marino Conti, de São Domingos do Capim, principal defensor e incentivador dos colonos, está escondido na basílica de Nazaré, em Belém, com medo de uma represália por parte dos peões da fazenda.

Catecismo amazônico — No fim da semana passada, enquanto enfrentavam um calor sufocante com o melhor meio de que dispunham — sorvete de chocolate —, os bispos concluíram também um estudo sobre a adaptação do culto e da liturgia ao ambiente amazônico. Algumas das idéias foram reveladas a Sérgio Buarque, de VEJA, por dom Alberto Ramos: "Talvez se crie um ritual que poderá ser presidido até por um leigo, para novenas, enterros, cerimônias da Semana Santa e Natal, numa linguagem adaptada, de caráter oficial". No Rio, segundo o bispo, já está sendo preparado um "catecismo amazônico", onde muitas palavras foram substituídas por termos regionais. As músicas também serão adaptadas. Os bispos concordaram que o batismo deverá ser ministrado de preferência numa idade em que o fiel já tenha conhecimento suficiente do significado do sacramento.

Convocação — De imediato, o grande problema que a Igreja terá de resolver para levar à frente seu Plano Pastoral é a falta de gente. Atualmente há 370 padres na Amazônia, insuficientes para um trabalho tão amplo (só na Transamazônica, entre Altamira e Itaituba, numa extensão de 500 quilômetros, serão instaladas 10 000 famílias até o ano que vem). "Por isso", diz dom Alberto Ramos, "estamos convidando as igrejas do sul a nos auxiliarem com orações, recursos e padres." Os primeiros resultados dessa campanha começaram a surgir já em setembro, quando o padre Berlino Iop, provincial dos palotinos, de Santa Maria, no Rio Grande do Sul, percorreu a Transamazônica e voltou disposto a criar uma missão de sua ordem às margens da estrada. E recentemente, atendendo ao apelo dos bispos brasileiros, o próprio papa Paulo VI animou a campanha enviando uma mensagem aos católicos de todo o Brasil, sintetizada numa frase que já se tornou slogan: "Cristo aponta para a Amazônia".